

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

1

O VALOR DAS HUMANIDADES

NÚMERO 1, 2015
3.^a SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ELEONORA BELFIORE, ANNA UPCHURCH (ED.) (2013).

*Humanities in the Twenty-first Century.
Beyond Utility and Markets.*

Palgrave Macmillan: New York, 256 pp.

Numa época em que a instituição universitária continua viciada em alterações estruturais periódicas, invariavelmente inspiradas por crípticos desígnios de tipo empresarial, as Humanidades definham. Tal situação não seria grave se o campo das Humanidades não fosse, de facto, um critério definidor da própria ideia de Universidade. Não há Universidade sem Humanidades. A redução do campo e influência destas últimas representa, portanto, uma diminuição da própria linha de demarcação que permite reconhecer uma instituição como realmente *universitária*. Neste contexto de erosão, no entanto, permanece ingénua e improdutiva a atitude de simples vitimização com a qual se tende a enfrentar o conjunto de debates e desafios colocados pelo ar do tempo. De facto, há ainda que considerar a que ponto um qualquer contexto adverso pode possibilitar a justa ocasião para proceder a um exame crítico das fraquezas e das forças, das possibilidades inexploradas e das promessas por cumprir que, neste caso, as Humanidades continuam a albergar. A obra aqui em apreço pode ser lida como um contributo para tal exame necessário.

No seu conjunto, os textos publicados, da autoria de investigadores com trabalho em variadas áreas e disciplinas associadas às Humanidades, formam um colóquio alargado e tematicamente organizado que se debruça sobre a situação das Humanidades no contexto específico das universidades inglesas e norte-americanas. Ainda assim, as afinidades com a realidade portuguesa descobrem-se a cada página, o que não deixa de ser interessante e instrutivo a vários níveis. No essencial, a obra em apreço organiza-se ao longo de cinco partes e doze ensaios. A Parte I (pp.17 e ss.) e a Parte II (pp. 63-109) reúnem cinco trabalhos que poderíamos considerar unidos em redor de um debate sobre a recente ideia

de “impacto”, que vem tomando as instituições universitárias por via de uma colonização conceptual com origem no campo empresarial. No primeiro ensaio da primeira parte, Eleonora Belfiore (pp. 17-43) debate de forma provocadora o par conceptual do “discurso do impacto” e da “retórica da melancolia”, sustentando que, no fundo, ambos partilham os mesmos limites e indicam os mesmos desafios a serem enfrentados pelas Humanidades em face de problemas específicos, a saber: um problema de imagem e percepção pública; o peso de uma caracterização de “inutilidade”, tornada negativa em situações de crise e carência financeira; um problema de confiança. No segundo ensaio Jan Parker (pp. 44-62) reconhece estes problemas e desafios, propondo como via de possível e frutuosa resolução o comprometimento das Humanidades com o “mundo digital”. Segundo o autor, é este um campo onde subsistem possibilidades concretas para as Humanidades mostrarem efectivamente a sua relevância, alcance e valor. Seguem-se os contributos de Michael Bérubé (“The Futility of the Humanities”, pp.66-76), Jim McGuigan (com um trabalho apelativamente intitulado “Fahrenheit 451: The Higher Philistinism”, pp. 77-90) e David Looseley (“Speaking of Impact: Languages and the Utility of the Humanities”, pp. 91-108). Estes três textos desenvolvem a segunda parte da obra que enfrenta mais directamente o tema da relação entre “utilidade” e “valor”. Os três autores referidos dialogam, nestes trabalhos, em redor de uma mesma convicção de fundo que poderíamos resumir nos seguintes termos: as noções de “utilidade” e “impacto” são sucedâneos de formas de valorar claramente inadequadas se aplicadas às Humanidades e em relação a elas ideologicamente hostis (cf. p. 10). Este momento do volume não se encerra sem a consideração das repercussões de tal pressuposto funesto, notórias, de acordo com os autores referidos, em âmbitos como o do estabelecimento de critérios de financiamento de projectos de investigação, ou o da própria organização das instituições universitárias.

A terceira parte da obra em consideração (“The Humanities and Interdisciplinarity”, pp. 109-154) abre um novo bloco temático — que será completado pela quarta parte (“Meaning Making and the Market”, pp. 155-192) — que configura uma abordagem ao campo das Humanidades a partir dos contextos mais vastos possibilitados por vários diálogos interdisciplinares. Assim, Howard I. Kushner e Leslie S. Leighton, em “The Histories of Medicine:

Toward an Applied History of Medicine” (pp.111-136) testam a vocação interdisciplinar das Humanidades na proposta de uma “história aplicada da medicina, entendida como instrumento de investigação médica” (p. 109). No sétimo capítulo Connie Johnston, em “Productive Interactions: Geography and the Humanities”, segue numa mesma direcção, interrogando o modo como os cientistas sociais — e os geógrafos em particular — se podem relacionar e se têm, efectivamente, relacionado com os campos tradicionais da Humanidades (p.137). Nos capítulos oitavo e nono, que constituem a Parte IV, é ainda este mesmo horizonte de debate que nutre as análises desenvolvidas, desta vez marcadas respectivamente pela especificidade de abordagens que tomam como referência a análise histórica dos museus em economias de mercado (“Museums and the Search for Meaning in the ‘Necessary Context’ of the Market”, da autoria de Mark O’Neill, pp. 157-173) e a organização comportamental em ambiente escolar, à luz de um estudo de caso numa escola de artes dos Estados-Unidos (“Values and Sustainability at Penland School of Crafts”, estudo, em co-autoria, de Anna Upchurch e Jean MacLaughlin, pp. 174 -192).

Os últimos três artigos recolhidos (Parte V da obra, pp.193-249) examinam as respostas que as Humanidades devem ser capazes de dar às oportunidades e desafios da era digital. Assim, no capítulo décimo, Eleonora Belfiore discute os reptos e oportunidades que o *open access* coloca aos investigadores em artes e humanidades. A tese de fundo defendida neste capítulo considera que as oportunidades de visibilidade do trabalho em Humanidades, facultadas pelos novos meios de partilha de informação, tem resultando na sua crescente valorização e reconhecimento público (p. 193). No capítulo seguinte, Rick McGeer desafia os investigadores em Humanidades a participar activamente nos debates contemporâneos em redor do *copyright* e da produção de conteúdos, argumentando em favor do papel crucial que as Humanidades podem desempenhar quando se reconhece que “as interacções entre actores económicos e políticos numa sociedade (...) são governadas não apenas por uma moldura legal, mas também por costumes e interpretações dessas leis” (p. 193). Finalmente, no capítulo doze Mark J.V. Olson chama a atenção para o facto de, paredes-meias com o discurso da “desgraça” e do “desastre” em relação às Humanidades, florescer o campo das chamadas *humanidades digitais*, argumentando, por razão desse

florescimento, que se trata de um campo incontornável de inovação, debate e defesa do lugar das humanidades no hodierno espaço público.

Como nota final, pode afirmar-se que a obra analisada, embora não tendo encontrado lugar para uma análise e debate aprofundados sobre o sentido derradeiro das Humanidades (e sobre o que em tal *sentido*, só por si, se encerra de actualidade, valor e alcance), guarda vários pontos de interesse e a variedade de abordagens que propõe justifica uma leitura atenta.

LUÍS ANTÓNIO UMBELINO

lumbelino@fl.uc.pt

Faculdade de Letras / Colégio das Artes da Universidade de Coimbra